JOÃO DA CRUZ

Preço -- Cr$ 4,00

RAYMUNDO SARAIVA FREITAS

Livraria VITORIA — PAPELARIA — Padre Eutiquio, 98

Gráfica VITORIA — EDITORA — Padre Eutiquio, 147

Belém-Pará

HISTORIA

— DO —

João da Cruz

(COMPLETA)

Depois de Cristo alguns annos,
Existia um ancião,
Esse tinha um filho unico,
O qual se chamava João,
Que sempre ia de encontro
A' christã religião.

Então o pae era um homem
Humilde e muito temente,
Mas João era obstinado
E continuadamente
Dizia: Deus não existe,
Não o sinto em minha mente.

João emquanto pequeno
Sua mãe o aconselhava,
Elle nada lhe dizia
Porém não acreditava,
Fazia-lhe todos os gostos
Porém este lhe negava.

A's vezes elle sentia
Uma certa commoção,
O pae castigava-o muito
Pelo seu mau coração,
Mas elle sempre dizia:
—Não mudo de condição.

Se existe Deus e é bom
Fez um bom e outro ruim?
Sem duvida foi a proposito
Se o ha não é bom assim,
Descarregou sua ira
Somente em cima de mim.

Perguntou-lhe um dia o pae:
—Porque não gostas de Deus?
Pois não vês todos os dias
Os grandes prodigios seus?
Tomas conselhos dos outros,
Por que não tomas os meus?

Então disse João da Cruz:
—Sou obrigado a dizer,
Se já menti não me lembro
Não vou me contrafazer,
Só posso dizer que ha Deus
Se visilvelmente o vêr.

A mãe um dia o chamou
E disse — filho querido,
Por que não pedes a Deus
Que te mude esse sentido?
Deus é de misericordia,
Tú pedindo és attendido.

Disse João: Inda que exista
Este Deus de piedade,
Não escutará meus rogos
Porque não me tem amizade,
Eu não tenho crença nelle
Nem peço, pois é debalde.

Meu filho — disse-lhe ella,—
E' tão bom Nosso Senhor,
Que por mau que seja o filho
mesmo o maior pecador,
Se humilhando elle perdôa
Seja que peccado fôr.

Não posso crêr, minha mãe,
Que se Deus me perdoasse,
Ainda que elle existisse,
Talvez que não me escutasse,
Eram debalde os meus rogos
Ainda que me humilhasse.

Diz ella — Deus é tão bom
Que estava quasi morrendo
Com tantas chagas no corpo,
O sangue na cruz descendo,
Olhava para os algozes
Inda se compadecendo.

Pedia ao Eterno Pae,
Quando na cruz o puzeram;
—Pae, perdôa aos innocentes
Que não sabem o que fizeram!
Teve sêde pediu agua,
Fél e vinagre lhe deram.

Elle disse: Tenho sêde,
Mas na interpretação
Em vez d'agua elle queria
Era a nossa salvação,
Achou que matava a sêde
Só com o nosso perdão.

João da Cruz ouviu isso
Porem sempre endurecido,
A mãe pedia chorando:
Filho meu, anjo querido,
Deus me ha de permittir
Que tu faças meu pedido.

Disse João: se houvesse Deus,
Essa infinita pureza
Um dia baixava á terra ,
Mostrava sua grandeza,
Mas não vem nem manda alguem;
Não ha, com toda certeza.

Meu filho — dia ella, —
Deus com a sua magestade
Póde estar sobre uma nuvem
Dessas da immensidade,
No riso de uma creança
Póde estar elle em verdade.

Pois é tanto o seu poder
Que chama tudo attenção,
Pois não ha sabio no mundo
Que possa dar descripção
De que materia foi feita
Esta grande creação.

Minha mãe,—reponde elle —
Eu em tal não posso crêr,
Que exista Deus no céo
Sem ninguem da terra o vêr,
E este Deus de lá do céo
Mandar tudo se mover?

Então ella perguntou-lhe:
Não tens visto o firmamento
O mar mover em balanço
Sem parar um só momento?
O sol nascer e se pôr?
Não vês a chuva e o vento?

Para crêr que existe Deus
Não precisamos de mais
Do que olharmos, nós proprios,
E para os irracionaes,
Tantos viventes que existem
E todos são desiguaes.

Outrosim, meu filho escuta:
A's vezes vê-se um bichinho
Como bem um beija-flôr,
Tecer tão bem feito um ninho
Ter os filhos e creal-os,
Com tanto zelo e carinho?

Pois assim fique sabendo
Que é o Omnipotente,
Com a sua graça e poder
Ajuda a qualquer vivente,
Nada disto ninguem via
Se não fosse o grande Ente.

Não vês a neve estender-se
Desde a montanha ao baixio,
O peixe crear-se n'agua
Sem incommodal-o o frio,
O do rio morre no mar,
O do mar não vive no rio?

Esse poder soberano
A todos nós manda mostras,
Vê-se um kagado jaboty
Como elle tem nas costas
Linhas de geometria
Curvas, rectas e oppostas.

Pois isto é para se crêr
Que exista um grande autor
A quem todos chamam Deus,
De todo mundo é Senhor,
Por maior que seja um rei
Deus é seu superior.

João da Cruz se retirou,
Mas muito impressionado
Interrogava a si mesmo:
—Senhor eu estarei errado?
Porém depois desistia
Dizia — estou acertado.

Elle tinha vinte annos
E nunca havia sonhado;
Dormia tranquillamente,
Nunca acordou assustado,
Isto que chamam remorso
Inda não tinha tocado.

Depois dessa conferencia
Elle dormindo sonhou
Que passeava num campo
Onde o destino o levou,
Foi esta a primeira vez
Que o remorso o perturbou.

Sonhou com um campo vasto,
Não tinha um só arvoredo,
Havia uma placa na relva
Que tinha escripto "Segredo".
Elle ahi nesse deserto
De si proprio tinha medo.

Ahi tinha dois caminhos
Não sabia o que tomasse,
Tomando qualquer daquelles
Temia não enganar-se,
Não havia uma pessoa
Alli que a elle ensinasse.

Nisso viu uma mulher
Que atravessava o deserto;
Lhe disse: segue a direita
Que o da direita é o certo,
E o lugar p'ra onde vaes
Até já está muito perto.

Dizia elle comsigo:
Essa velha vem mentir,
Pois ella não me conhece
Vem agora me illudir,
Para quando eu me perder
Ella ficar a sorrir.

E seguiu o lado esquerdo
Sem ter mesmo direcção,
Ao chegar ao fim do campo
Viu elle uma habitação
Fumegando um boeiro
De uma fornalha ou fogão.

O predio era muito grande
Havia um enorme muro,
Um portão de ferro negro,
Parecendo ser seguro,
Então exhalava um cheiro
De enxofre ou carbonico puro.

O predio tinha um alpendre
Onde havia uma serpente,
Um cão com olhos de fogo
Atado a uma corrente;
O cão assim que viu elle
Uivava horrorosamente.

Ahi ficou João da Cruz
Em grande perturbação,
Quando um individuo alto
Chegou até ao portão,
Cumprimentou-o dizendo:
Bem vindo sejas, João...

Fitava bem para elle,
Como quem o examinava,
Olhando de baixo acima
Nada lhe balbuciava,
Não tirava os olhos delle
Como quem o retratava.

João da Cruz lhe perguntou:
Quem és que ahi te conservas?
Que campo é esse tão feio
Que nelle não tem nem relvas?
Respondeu — Isso é um reino,
Eu sou o principe das trévas.

Ha vinte annos compeltos
Tu és de mim conhecido,
Foi eu quem primeiro viu-te
Quando tu foste nascido,
Sou testemunha de tudo
Que comtigo tem havido.

Podem fazer bem tres horas
Eu estava presenciando
Uns conselhos muito atôa
Que tua mãe estava te dando,
Tu sahiste até sorrindo
Ella ficou lá chorando.

Aqueles conselhos della
Obras bem não os tomar;
Porque só deves fazer
O que a mente te dictar,
Não és creança nem louco,
Não tens o que consultar.

Continuou o individuo:
—Existe Deus, é verdade,
Não como diz tua mãe
Ser elle de tanta bondade,
Aonde houver o orgulho
Não póde haver caridade.

E as coisas desse mundo
Já não tens observado?
Um nasce tão feliz
E outro tão desgraçado,
Porque abandona um
E o outro é amparado?

Pois se esse Deus fosse bom
Nasceria tudo igual,
Como um nasceu para o bem
E o outro nasce para o mal?
Então a misericordia
Não é para tudo em geral.

Disse-lhe ahi o tal principe:
"Vem aqui ver meu jardim",
Abriu o portão e disse:
"Segue tu atraz de mim,
Vou te mostrar minha côrte
Do principio até o fim".

E seguiu o João da Cruz
O tal principe ia na frente,
Passaram por um salão
Muito escuro e muito quente,
João da Cruz repugnava
Aquillo amargosamente.

Lá no fundo de uma estufa
Se ouvia gente a gemer
Rangir dentes, blasphemar,
Avançar para morder,
Dar urros que reboavam
Faziam a terra tremer.

Lá no fundo de outro carcere
Viu quando um vulto se ergueu
Arrenegando do pae
E da mãe que o concebeu,
Até da Virgem Maria,
Nisso o sitio estremeceu.

João da Cruz no sonho disse:
— Eu quero voltar daqui
O tal principe lhe dizia
Demore-se um pouco ahi,
Se quizer ver uma scena
Temos um theatro alli.

O theatro era uma jaula
Com grande profundidade,
Tinha um esqueleto vivo
Que causava piedade,
Chupando carvão acceso
Para encontrar humidade.

Com grandes chammas na boca
Em soluços se afogava,
Soltava urros medonhos
Os dentes em si cravava
Fitando os olhos de fogo,
Depois cahia e uivava.

João da Cruz no sonho disse:
"Existe Deus, é verdade,
Minha mãe bem que me diz
Que embora cedo ou tarde
Eu hei de ter uma prova
Da suprema divindade".

E sahiu dalli dizendo:
—Que casa amaldiçoada !
Que habitação horrorosa,
Nojenta e mal collocada!
Olhando ao lado direito
Avistou outra morada.

Ahi elle olhando bem
Observou até mais
Uma placa de metal
Com lettras especiaes,
Então as lettras diziam:
"Rei dos reis e pae dos paes".

Dizia elle no sonho:
"Vou ver aquelle logar,
Quando nada olho de perto
Inda não podendo entrar".
Tornou a ver a mulher
Que viu no primeiro logar.

Perguntou-lhe João da Cruz
Que grande casa era aquella?
Disse-lhe a mulher—meu filho
Aquella casa é tão bella
Que val mais que mil paizes
Um pequeno quarto della.

O dono daquillo alli
E' grande proprietario,
E trata o capitalista
Como trata o proletario,
Alli não ha orgulhoso,
Ladrão vil nem usurario.

Alli não se vê escravo
Nem um é d'outro senhor,
As fortunas são iguaes
Tudo tem uma só côr,
E para o dono dalli
Dinheiro não tem valor.

João da Cruz via por sonho
Um clarão que appareceu,
Viu então chegar um pobre
E numa porta bateu,
Um monarcha lhe dizia:
"Chega-te a mim, filho meu".

Quando o rei abriu a porta
João olhando p'ra dentro
Viu um coreto sublime
Que ficava bem ao centro,
Disse no sonho — eu, atheu,
Alli vejo que não entro.

Ouviu tocar uma opera
Por uma orchestra que havia
Era um toque tão sublime
Que até o vento sorria,
Só se via alli belleza,
Riso, prazer e alegria. VERSO FEITO

Viu passar uma mulher
Com um magestoso manto,
Tudo então se levantava
E entoavam num canto
Dizendo — Salvé, oh! esposa
Do Divino Espirito Santo.

Disse a mulher — eu agora
Preciso me retirar,
Esse sonho é um exemplo
Para quem quizer tomar,
Quem vê o que você viu
Não póde mais se enganar.

Ahi despertou do sonho
Por lhe baterem na porta,
Era o empregado delle
Que trabalhava na horta,
Dizendo — patrão acórde
Sua mãe acha-se morta.

Elle se erguendo da cama
Ainda muito suado,
Olhou para o relogio
Duas horas tinham dado,
Já encontrou o pae delle
Em grande pranto banhado.

Ainda estava no leito
A mãe morta ajoelhada,
As mãos postas para o céo,
A cabeça declinada,
Tanto que todos diziam:
— Essa está santificada.

Então um bilhete della
Encontrou-se no colchão
Que dizia: a uma hora
E' minha consummação,
Gloria a Deus, paz ao esposo
A meu filho uma bençáo.

Então o resto da noite
João da Cruz se conservava
De joelhos ao pé do leito,
A sua mãe contemplava,
Só não fazia era preces,
Elle era atheu, não resava.

Depois pensava elle muito
No sonho que havia tido,
Pensava tambem na mulher
Que tinha lhe apparecido
E quando elle sonhava
Já a mãe tinha morrido.

João da Cruz ficou pensando
No phenome que se deu:
Os reinos que viu no sonho,
A mulher que appareceu,
Tinha os vestidos que tinha
Sua mãe quando morreu.

Um dia disse elle ao pae:
—Pae estou arrependido,
Neguei a Deus tantas vezes,
Meu crime ha de ser punido...
Eu supplicando a Jesus,
Serei por elle attendido?

Pois não! — respondeu o pae,
Jesus é pae amoroso,
Qual será o pae no mundo
Que seja tão carinhoso?
Jesus perdoava a Judas
Se elle não fosse orgulhoso.

Então pegou no que tinha
Deu de esmola aos desgraçados
E disse: eu vou para os montes
Ver se purgo meus peccados,
Para ver se um dia sou
Um dos bemaventurados .

O satanaz quando viu
João da Cruz se converter,
Já tendo toda a certeza
De nunca mais o colher,
Ficou abrazado em chammas
A ponto de se morder.

Abrindo sua sessão
Obteve um parecer
Um dos membros infernaes
Disse — eu posso me atrever
A tental-o de uma forma
Que elle vem a se perder.

Ha um anno João da Cruz
Num bosque estava morando ,
Os seus arrependimentos
De dia a dia augmentando,
Se sustentava das fructas
E levava o tempo orando.

Uma noite João chorando
O horror de seus peccados,
Um anjo veiu e lhe disse:
"Eu vi nos livros sagrados
Teu nome escripto num delles
E's dos bemaventurados".

"Mas veja que o satanaz
Vem aqui te perseguir,
Não te esqueças de rezar
Ao velar e ao dormir,
A carne do homem é fraca
Veja, não vá se illudir!"

"Vou te deixar um signal
Se tu fores perseguido,
Vês alli aquelle ramo?
Olha e bota bem sentido
Aquelle ramo só murcha
Se tu fôres illudido".

"Todo dia has de ver elle
Verde e com todo fulgor,
Aquelle ramo é regado
Com o riso do Senhor,
Se tu cahires na culpa
Cae delle tambem a flor".

O satanaz transformou-se
Numa velhinha doente,
Veiu illudir João da Cruz
Dizendo ser penitente,
Mostrou-lhe 23 chagas
Que soffria horrivelmente.

Então mostrou-lhe os joelhos
Por muitas quedas ralados,
Muitas contusões no corpo
Os braços desconjuntados
E disse: eu vivo 100 annos
Aqui chorando peccados.

João da Cruz lhe perguntou
—Tu acreditas em Deus?
—Eu creio, respondeu ella,
Em todos prodigios seus,
Por um peccado que fiz
Deus não ouve os rogos meus.

Perguntou-lhe João da Cruz:
Quem revelou-te isto assim?
Disse a velha—foi um anjo
Quem revelou tudo a mim,
Coutou-me todo passado
Do principio até o fim.

—Porem ainda continuas,
Na vida da penitencia?
—Continúo, disse ella,
Agora é ter paciencia,
Vou ver se o principe das trevas
Quer-me em sua residencia.

Então disse João da Cruz:
—O inferno é só de horror
Eu já vi elle por sonho...
Disse a velha — não senhor,
E' um logar como o céo
E lá só existe é amor.

Lusbel de lá foi um anjo
Que foi previlegiado,
Quando Deus desceu ao mundo
Deixou-o no throno sentado,
Já foi um Deus interino
Não póde ser desgraçado.

João da Cruz lembrou-se logo
Do que o anjo tinha dito
Que se livrasse dos laços
Do inimigo maldito;
Desconfiando da velha
Ficou logo muito afflicto.

Foi aonde estava o ramo
Achou-o murcho e pendido
A flor que tinha no ramo
Tambem já tinha cahido
Chorava amargosamente
O que tinha commettido.

E voltando achou a velha
No mesmo lugar cahida;
Elle exclamou :oh !Maria
Sem peccado, concebida,
Compadecei-vos de mim
Senão minha alma é perdida,

Valham-me os 15 mysterios
Do Rosario de Maria,
Valha-me o sangue de Christo
Naquelle tremendo dia,
O desamparo que teve
Nas 3 horas de agonia.

Valha-me a corôa de espinhos
Com que foi Deus coroado,
Aquelles cravos agudos
Com que foi Christo cravado,
Valha-me o Santo Sepulchro
Que Jesus foi sepultado.

Oh !Virgem pura e Santissima
Este infeliz peccador
Vos pede, afastae de mim
Este dragão trahidor;
Eu só quero pertencer
A Jesus que é meu Senhor.

Vós sois a gloria dos anjos,
A luz de Jerusalém;
E's mãe de misericordia,
Não desampara ninguem,
Adoptai este infeliz
Como teu filho tambem.

Ahi um anjo chegou
Com phrases muito amorosas,
A velha ergueu-se dizendo
Não posso gostar de prosas,
Então parece que no céo
Só tem almas cavilosas.

Um anjo se apresentou
E disse a João da Cruz:
—Só escute a minha voz
Só se lembre de Jesus,
Pois que pelo amor de todos
Elle morreu numa cruz.

Dahi voltou Satanaz
Em grande perturbação,
Reuniram-se todos os diabos
E fizeram outra sessão,
Disse um delles: inda ha um meio
Mas precisa precaução.

Transforme-se em uma moça
Muito desinteressada,
Que seja muito elegante
Porém não lhe trate em nada
Visite-o um dia e não outro
E saiba tomar chegada.

Nada disso se aproveita...
Disse um membro ,já zangado,
o Anjo da guarda delle
Deu-lhe um ramo endiabrado
Que é um alcoviteiro
Que elle tem encostado.

Não tem ramo, não tem nada,
Disse ahi um satanaz,
Elle achando ella bonita,
Nem pensa no ramo mais,
Mulher illude até nós
Por mais que seja sagaz.

Ahi transformou-se um delles
Numa joven interessante
Que o proprio diabo disse
A obra está importante!
Inda estou mais animado,
Minha idéa vae avante.

Era alva bem corada,
Altura em conformidade,
Pés pequenos, mãos bem feitas,
Cabellos em quantidade,
Representando inda ter
18 annos de idade.

Tranças louras, olhos azues,
A citura um pouco fina
Os seios regularmente
Maçãs de côr purpurina,
Chamava attenção até
Dos insectos da campina.

Trajava um fino roupão
Do melhor panno que havia,
Um collar de ouro massiço
Sobre o pescoço pendia,
Era moderno somente
Tudo que nella se via.

Pisava modestamente,
Tinha o gesto encantador,
Admirava-se muito
Das obras do Creador,
Quem a visse só julgava
Ser um anjo do Senhor.

João da Cruz avistou ella
Quando estava em oração
Ahi ergueu a cabeça,
Lhe prestou muita attenção,
Deu um suspiro, sentou-se
Sentindo uma commoção.

Vindo para o lado delle
Ainda mais se approximou,
Como quem o conhecia
Sorrindo o cumprimentou,
João da Cruz olhou-a muito
Depois tambem a saudou.

Perguntou-lhe João da Cruz:
—A donzella anda perdida?
—Não senhor, respondeu ella
Ando distrahindo a vida,
Venho d'alli do outro bosque,
Fui visitar uma ermida.

No verdor dos nossos annos
Devemos ter distração,
Pois a ordem natural
Nos esclarece a razão,
Quando cahir na velhice
Desapparece a illusão.

—Até logo, disse ella,
O sol já vae se escondendo,
As suas flexas douradas
Já vão aos pouco morrendo,
São horas de meus pastores
Virem do monte descendo.

—A senhora mora perto?
João da Cruz lhe perguntou...
Moro através desse monte
E ás suas ordens estou,
Daqui lá é meia legua...
Para a montanha apontou.

Dê um passeio por lá,
Vá ver o nosso castello,
A aldeia é magnifica,
Nosso palacete é bello,
Alli se póde viver
Sem se conhecer o flagello.

Apertando a mão de João
Pela campina seguiu,
Uma ária interessante
Entoou quando sahiu,
Todas as palavras da aria
João da Cruz as ouviu.

A ARIA

A vida é um riso
De mil esperanças,
Uma náo que nos leva
N'um mar de bonanças.

A vida é uma arvore,
O fructo é o prazer,
Deus deu-nos esse fructo
Devemos o colher.

Devemos gosar
Nossa mocidade
Bebermos o aroma
Da primeira idade

Depois que colhermos
O ponto ditoso
Veremos o pomo
Como é saboroso.

A morte nos traz
Horrores e choros,
De nós rouba a vida
Extrae nossos louros.

Por isso é que brinco,
Passeio na floresta,
Frequento theatros,
Não dispenso orchestra.

E entrou pela floresta
A voz a montanha enchia.
João da Cruz ficou pensando
Essa moça quem seria?
Seu todo era de fidalga
Por toda fórma attrahia.

João da Cruz se esqueceu d'ella
E continuou a orar,
Uma tarde, ás 4 horas,
Elle ouviu ella cantar,
Ergueu a vista e a viu
Pelo campo a passeiar.

E veio se approximando
Bôa tarde a ella deu,
Tenha a mesma, senhorita
João da Cruz lhe respondeu,
Uma pedra para assento
João da Cruz lhe offereceu.

Disse ella: cavalheiro
Estou-lhe muita obrigada,
Meu passeio hoje foi curto
Ainda não estou cançada,
Hoje inda vou a uma festa
Que fui hontem convidada.

Eu fui alli numa aldeia
Soccorrer uns desgraçados,
Que levavam suas vidas
Só chorando seus peccados,
Hoje morreram na miseria,
Tristemente abandonados.

João da Cruz lhe perguntou
Com grande admiração:
Mas o homem não tem alma?
Não tem por obrigação
A prestar contas com Deus?
Não necessita o perdão?

—Necessita, disse ella,
O céo é um edificio
Que foi feito para o homem,
Quer tenha ou não tenha vicio,
E' propriedade nossa,
Não precisa sacrificio.

Se Deus assim permittisse
Esse mundo era de espinhos,
Nossos fructos amargavam,
Eram penosos os caminhos,
Até mesmo nos faltava
De nossos paes os carinhos.

Por exemplo: a penitencia,
Que abuso só são os seus!
Maltratarmos nossos corpos,
Fazemos mais que os atheus
Temer de perder a alma
E' não confiar em Deus.

João da Cruz esperimentando-a
Como quem não tem terror,
Perguntou-lhe: existe inferno?
Respondeu: ha sim, senhor;
Era infeliz quem cahisse
Naquelle abysmo de horror.

Para que foi feito elle?
Perguntou-lhe João da Cruz:
Para que? Respondeu ella,
Foi para um anjo de luz,
O homem estava perdido
Se não fosse o bom Jesus.

João ouvindo essa resposta
Pensou e disse comsigo:
Esta não é como a velha
Não vem botar-me em perigo:
Não temo nada que venha
Da parte do inimigo.

Disse ella a Jaão da Cruz:
Vae em nossa habitação,
Faça a sua penitencia
Mas não prive a distração,
Deus só exige do homem
Que tenha um bom coração.

Despediu-se delle e disse:
No dia que quizer ir,
E' rodear esse monte
Vêr por onde ha de seguir,
Toda hora estou em casa
A's ordens para o servir.

Reuniram-se os diabos
E fizeram uma sessão,
Projectando construir
Uma linda habitação
Que João da Cruz indo lá
Prestasse toda attenção.

Por uma magica diabollca
Duma gruta escura e feia
Fizeram um campo espaçoso
Representando uma aldeia,
Um castello magnifico
Numa planicie de areia.

João da Cruz ficou pensando
Que a moça estava acertada
E era asneira do homem
Ter uma vida privada,
E a culpa é uma divida
Que com a morte é senada.

Voltou para a sua casa,
Fez a barba e o cabello,
E disse: aquelle castello
E' necessario eu ir vêl-o,
O pae da pequena donzella
Eu preciso conhecel-o.

Pelas dez horas do dia
João da Cruz appareceu,
Quando avistou o castello
O corpo lhe estremeceu
Interrogava a si proprio:
Mas o que foi que fiz eu.

Quem olhava via alli
Um palacete importante,
Um sitio ao redor da casa,
Um jardim muito elegante,
Instrumento para musica,
Muitos livros numa instante.

Zoraide, a dita moça,
Que João da Cruz tinha ido,
Tinha as vestes como nunca
Ninguem tinha possuido,
Como se na roupa della
O sol tivesse nascido.

Então João da Cruz por ella
Estava tão embellezado,
Que esqueceu-se do ramo
Que o anjo tinha lhe dado,
E o diabo já contente,
Dizia: estou arrumado!

Quando João da Cruz entrou
Sentiu o corpo agitado,
Uma voz dentro de si
Dizia: foste enganado...
Ahi ficou João da Cruz
De tudo sobresaltado.

E viu lá um individuo
Com aspecto muito medonho
Outro se conservava
Num reservado tristonho
E era o que João da Cruz
O viu na noite do sonho.

Em fingir-se satisfeito
Foi logo o plano seu,
Refeição, fructa, bebidas,
Elle tudo agradeceu,
Ahi lembrou-se do ramo
Que o anjo antes lhe deu.

Zoraide chamou-o á mesa
Para elle se serivr,
João da Cruz agradeceu
E disse: eu quero partir
O sol já vae declinando
E' necessario eu seguir.

João da Cruz arrependido
Todas as vestes rasgou,
Botou um liquido nos olhos
Que de repente cegou,
Ajoelhado no campo
Chorando a noite passou.

Um anjo veiu lhe dizer:
João, tu foste illudido,
Mas o eterno está vendo
Como estaes arrependido,
Do céo ouviu o teu choro
Tu já foste absolvido.

Passando-lhe a mão nas faces
A vista lhe restituiu,
João da Cruz abrindo os olhos
Claramente o mundo viu,
O ramo ahi ficou verde,
A flor as petalas abriu.

O diabo que estava perto
Viu tudo alli se passar,
Uivava rangindo os dentes,
Dava pulos pelo o ar
Dizendo: trabalhar tanto
E nada poder lucrar.

Então ficou João da Cruz
No mesmo campo onde estava,
Só ouvia a voz do anjo
A quem sempre consultava,
Orava todas as horas
De Deus não se descuidava.

E assim 22 annos
Pasosu elle em oração,
Tinha com Nossa Senhora
Uma grande devoção
Até que chegou o dia
De sua consumação.

Num sabbado pelas seis horas
Quando João da Cruz orava
Sentiu o pulso fugir-lhe
Viu que seu sangue gelava,
Era a morte nesta hora
Que delle se approximava.

Ahi chegou o demonio
Disse: eu venho te ajudar,
Aqui estou, póde pedir
Aquillo que precisar;
Chegou o anjo da guarda
Mandou-o se retirar.

Chegou na eternidade
A Jesus se apresentou,
Envergonhado das culpas
Que quando vivia obrou,
Satanaz que vinha atraz
Nesse momento chegou.

Jesus olhou e lhe disse:
—Não posso te perdoar
Pois minha justiça é recta
Tu não te pódes salvar,
Quebrastes um juramento
Que não devias quebrar.

Não déstes ouvido a teus paes
Que tantas vezes pediam,
e sempre hias de encontro
A tudo que elles queriam,
Porque tambem não seguistes
O caminho que elles seguiam?

Tua mãe depois de morta
Inda não te appareceu?
As torturas do inferno
Por sonho não te esclareceu?
Não tivestes aquelle sonho
Na hora que ella morreu?

Não te mandei uma flor
Para melhor te explicar?
E o anjo não te disse
Fizesse por não peccar?
Porque cahindo na culpa
Via logo a flor murchar?

A flor que o anjo levou-te
Foi uma das minhas chagas,
Feita pelos teus peccados
Naquellas horas amargas,
Feita por ti e os outros
E dessa forma são pagas?

Tu não podias saber
Que aquella moça que vias
Era o dagrão infiel
Que vinhas todos os dias?
Tu estavas em penitancia
Como é que te illudais?

Ao ouvir a vóz de Jesus
A alma soltou um grito
Que mais de vinte minutos
Ecoou no infinito
Dizendo: valham Deus
Jesus, Redemptor Bemdito.

Ficou o demonio immovel
Ouvindo a alma gritar
Disse a Jesus: dê licença
Tenho muito de allegar
Visto caber-me o direito
Eu devo bem me explicar.

"Este homem era atheu
Não pode ter salvação,
Vós como recto juiz
Não lhe dará o perdão,
Não ha motivos que vós
Tenha delle compaixão".

"Desatendeu a seu pae
Nem uma attenção lhe dava,
Desobedecia a mãe
Quando ella lhe rogava,
Disse que se ouvesse Deus
Delle nuca precisava".

A alma reconhecendo
Que Christo a condemnaria,
Pois tinha dado a sentença
E não a revogaria,
Poude evadir-se dali
E foi á Virgem Maria.

Minha mãe!, disse ella afflicta,
Valei-me por caridade,
Põe sobre esta alma infeliz
Teus olhos de piedade,
Já que o peccado roubou
A minha felicidade.

Pelo sangue precioso
Que de teu filho correu,
Por aquella ingratidão
Que de Judas elle soffreu ,
Pelo calix de amargura
Que Jesus Christo bebeu.

Eu sei, Senhora, que fui
Um infeliz peccador
Mas vos peço pelas chagas
De Jesus, meu Redemptor,
Pela sêde, pela fome
Pelo frio, pelo calor.

Pelas horas de agonia
Da amargosa paixão,
Pelo grande desamparo
Na sua consummação,
Por todos os sacrificios
Alcanceis o meu perdão.

Disse Maria Santissima:
—Vou ver se falo por ti...
Disse o Diabo: Senhora
Não vá lá que eu estou aqui.
A sentença já está dada
Não ha mais recurso ahi.

Disse o demonio á Maria:
—Não vejo aqui quem dê geito,
Jesus já deu a sentença,
Não me negou o direito,
Elle é quem manda e governa
O que fizer está bem feito.

Disse Maria Santissima:
—Te mostro, amaldiçoado,
Se o sangue de Jesus Christo
Foi inutil derramado,
Se elle não morreu na cruz
Para remir o peccado...

Disse o Diabo: E' exacto,
Elle foi crucificado
Porem esse sacrificio
Não dá direito ao peccado,
Não se viu o evangelho
Que no mundo foi pregado?

Vosso filho é o juiz
De sciencia indefinida,
Deixou escripto na terra
Toda receita da vida,
Disse que alma com culpa
Não podia ser remida

João da Cruz sabia lêr
Era até bem preparado
E leu toda Escriptura
Que Jesus tinha deixado,
Não teve razão alguma
Para cahir no peccado.

Disse Maria Santissima:
— Seja de que fórma fôr
João da Cruz se salvará,
Meu Filho é o Salvador,
Elle não vae ao Inferno
Te mostrarei, trahidor...

Vamos vêr — disse o demonio,
Estou prompto para a questão
Eu quero ver João da Cruz
Como alcança a salvação,
Um atheu de nascimento
Eu quero ver ter perdão,

Era só o que faltava
João da Cruz ser um atheu
Ter uma contriçãozinha
No momento que morreu,
Vir aqui e Deus dizer-lhe
João da Cruz o céu é teu.

Eu que bem conheço elle
Desde o seu nascimento,
Segui todos os seus passos
Não o deixei um só momento,
Ouvi tudo o que elle disse
Tomei todo apontamento.

Fui attentar a mãe delle
Não pude tomar chegada,
Fui ver se attentava o velho
Tambem não arrumei nada,
Felizmente em João da Cruz
Foi que pude ter entrada.

Disse-lhe a Virgem Maria:
— Teu trabalho foi perdido
Porque eu vou a Jesus
E elle vai absolvido
No ról dos aventurados
Elle será incluido.

Disse Maria a Jesus:
— Filho do meu coração,
Eu venho á tua presença
Pedir-te com precisão
Que revogues a sentença
Daquella codemnação.

Minha Mãe, respondeu Christo,
Eu não a posso salvar
Porque já dei-lhe a sentença
Não posso mais revogar,
Eu não desfaço o que fiz
Sou obrigado a faltar.

Disse o diabo sorrindo:
— Tudo vai bem para mim,
Maria nada arrumou
Perdeu a questão por fim,
Jesus faltou-lhe o pedido,
O bom juiz faz assim.

Disse Maria a Jesus
Mostrai-me o vosso poder,
Prometti a esta alma
Que havia de a valer,
Pois se ella tiver castigo
Por ella eu hei de soffrer.

Disse-lhe Jesus: minha Mãe
A sentença já está dada,
A alma de João da Cruz
Foi perversa e depravada
E uma sentença minha
Não póde ser revogada.

Disse Maria Santissima:
— Tu foste ao mundo soffrer
Expiraste numa cruz
Para ninguem se perder,
Deste perdão a pessoas
Que não podiam obter.

Perdoas-te a Longuinho
Que com a lança cravou-te!
Não perdoaste a Pedro
Quando tres vezes negou-te?
Offereceste o perdão
A Judas que atraiçoou-te?

No mundo entre horrores
Qu'eu soffri a maior pena
Que ainda hoje os christãos
Teem em memoria a scena,
Não attendendo aos prantos
Da chorosa Magdalena!

Naquele dia tremendo
De tua consumação
Quando Tu estavas na Cruz
Sexta-feira da Paixão,
Ja nos ultimos momentos
Perdoas-te a um bom ladrão.

Então disse Jesus Cristo :
— Eu sou um juiz fiel,
E visto ser João da Cruz
Um pecador tão cruel,
Minha Mãe mande chamar
O Archanjo São Miguel.

São Miguel chegando disse :
—Aqui estou prompto Senhora,
Para seus santos serviços
Estarei promto a toda hora,
Até se Vós precizares
Baixarei á terra agora.

Disse Maria Santissima:
—Te mandei chamar, Miguel,
Para arrancares uma alma
Das unhas deste infiel,
Este infeliz sem fortuna
Infame, vil e cruel.

São Miguel disse sorrindo
A' Virgem da Conceição:
—Se me mandar eu já quebro
As forças deste dragão
Porque com o vosso nome
Se vence qualquer questão.

O Diabo ergue-se e disse:
Miguel estás enganado,
Não julgues que sou um louco,
Se assim pensas estás errado,
Tens aqui meus documentos
Eu vim aqui bem firmado.

Tu sabes que o João da Cruz
Toda a vida foi atheu,
Devido a esta conducta
O pae sempre o combateu,
Pois nem ao pae e nem á mãe
Elle nunca obedeceu.

E Deus fez tudo por elle
Somente a fim de o salvar,
Mandou o Anjo da Guarda
Para o mundo o vigiar,
Elle morre no peccado
Como o querem perdoar?

Disse São Miguel Archanjo:
João da Cruz foi peccador
Porque tinha tu, maldicto,
Como seu perseguidor...
Lhe disse o diabo: foi elle
Quem foi todo o causador.

E lhe provo que foi elle,
Mostrando exemplo assim:
Elle faltava ao seu pae
Porque não faltava a mim?
Ahi se vê claramente
Qual foi então esse fim.

Diz São Miguel: esses são
Descuidos espirituaes,
Chamam-se horas minguadas
Ou são momentos fataes,
Que o christão sem se sentir
Dá entrada a Satanaz.

Não tenho nada com isso,
Peccou, será condemnado!
Disse São Miguel Archanjo:
—Deus perdoou-lhe o peccado!
Responde o diabo: o segundo
Não foi por Deus perdoado.

Deus perdoou o primeiro
Quando elle se arrependeu,
Porem tornou a peccar
Quando a moça appareceu,
Foi quando ella achou secca
A flôr que o anjo lhe deu.

Disse São Miguel: tu sabes
Que por isso elle cegou
E tanto tempo no bosque
Este peccado chorou,
Se sustentava com fructas,
Muito tempo jejuou.

Disse o diabo — eu só sei
Que a alma é condemnada
Porque em minha presença
A sentença foi lavrada ,
Nem você e nem Maria
Poderão fazer mais nada.

Disse-lhe Miguel Archanjo:
— Bruto, tu bem me conheces
E ao poder de Maria
Até tu lhe obedece
Com o nome de Maria
Tu no inferno padece.

Disse o diabo: Miguel
Eu tenho toda razão,
Eu te mostro que esta alma
Não tem de Deus o perdão,
De você e de Maria
Foi que veiu essa invenção.

Ainda não fazem tres horas
Que foi a sentença dada,
Esta alma neste instante
Por Jesus foi condemnada,
E a palavra de Christo
E' como pedra edificada.

Disse São Miguel Archanjo:
— Eu vi Jesus condemnal-a
Porem a Virgem Maria
Foi a Jesus resgatal-a,
Jesus mesmo com Maria
São quem me mandam salval-a

Desta alma — disse o diabo
As culpas quem vê se enjôa,
Vou buscar o livro e verá
Se encontra uma obra bôa,
Quero ir pelo dinheiro
Não gosto de nada atôa.

Peza-se a alma e as culpas,
Se a alma for mais pesada
Lhe garanto que darei
A questão por liquidada ,
Se as culpas pezarem mais
Você não ganhará nada.

São Miguel Archanjo disse:
— Monstro, tu és desalmado,
Desce ao inferno vai ver
Teu livro amaldiçoado,
Vês se encontrarás nelle
Um só nome escripturado.

Lusbel desceu ao inferno
Branindo desesperado
Trouxe o livro porém nelle
Não tinha mais um peccado,
Com o perdão de Maria
Tinha tudo se apagado.

Então dizia o diabo:
— Já é ser muito caipora,
O livro que escrevi
Não tem uma lettra agora,
Trabalhei vinte e dois annos
Foi tudo de uma vez fóra...

Ahi a alma encostou-se
Ao Archanjo São Miguel ,
Dizendo-lhe — bemdicto seja
O grande Deus de Israel,
A Virgem da Conceição
Que me arrancou de Lusbel.

1162

Eu era um pobre infeliz,
Doente, já quasi morto
Chegou o medico d'alma
Que forneceu-me conforto
A dôce estrella do mar
Levou-me ao seguro porto.

FIM

São Agentes Exclusivos da
Gráfica VITORIA (Antiga Guajarina)

Para o Estado do Amazonas

GASPAR & COSTA

R. dos Barés-Fachada do Mercado

MANÁOS

Para o Territorio do Amapá

R. A. MARTINS

Praça Assis de Vasconcelos, 30

MACAPÁ

Livraria VITORIA

PAPELARIA

PADRE EUTIQUIO, 98

VENDEMOS—Artigos de papelaria e escritorios — Livros em geral para qualquer finalidade — Romances e literatura em geral.

Gráfica VITORIA

(Antiga GUAJARINA)

PADRE EUTIQUIO, 147

FAZEMOS—Serviços tipograficos em geral, executados com perfeição e rapidez, por hábeis operarios — Pontualidade nas entregas.

PREÇOS IRRIZORIOS

Raymundo Saraiva Freitas

FONE, 2850 — BELÉM-PARÁ